

NAS ALTURAS DO QUILOMBO: OBSERVAÇÃO, RESISTÊNCIA E COTIDIANO NA SERRA DO EVARISTO

Francisco Welder Silva de Lima

Graduando em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Pós-graduando em Gestão na Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará

<https://orcid.org/0000-0001-5746-2458>

jfranciscowelder@aluno.unilab.edu.br

REVZAB
•••••

Introdução

Falar sobre os quilombos exige atenção aos seus processos históricos de formação e à complexidade das experiências vividas em seus territórios. As comunidades quilombolas não podem ser reduzidas a narrativas de isolamento ou exclusão. Suas trajetórias são marcadas por resistências, saberes próprios, redes de solidariedade e articulações com o mundo urbano. Muitas famílias quilombolas mantêm rotinas que envolvem deslocamentos diários para estudar ou trabalhar nas cidades, evidenciando uma intensa circulação entre os espaços rurais e urbanos.

A historiadora Beatriz Nascimento (2021) nos lembra que quilombos e favelas compartilham histórias de luta, construção de autonomia e enfrentamento das opressões. Nesse sentido, a frase potente de Nego Bispo (2015) ganha ainda mais sentido: “no dia em que os quilombos perderem medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluências, o asfalto vai derreter!”.

As fotografias apresentadas neste ensaio foram realizadas em um território quilombola situado na Serra do Evaristo, em Baturité-CE, durante uma experiência de pesquisa em território. O Quilombo situa-se cerca de 90 km de distância da capital Fortaleza. A comunidade está numa região de difícil acesso, a 09 km da sede, na latitude 4.37579 e longitude 38.916504 e uma altitude de 535,83 m acima do nível do mar (Braga, 2021). Em fevereiro de 2010 a Fundação Palmares emite a certidão de autodefinição da comunidade remanescente de quilombo, com o cadastro geral nº 012, registro nº 1.264, fl. 79. Com aproximadamente 180 famílias, contabilizando 800 pessoas (Braga, 2021), ao adentrar no território e conviver pela comunidade observa-se que o principal meio de subsistência da população gira em torno do plantio, cultivo e comercialização da banana.

A construção deste trabalho esteve profundamente ligada à experiência da observação participante, uma das ferramentas centrais da etnografia. O contato direto com a comunidade, os deslocamentos até o território, a escuta atenta e a convivência diária permitiram acessar aspectos sutis do cotidiano quilombola. Como destaca Lima et al., (2024), o pesquisador leva consigo suas experiências e referências ao campo, colocando-se em relação direta com os envolvidos na pesquisa. A observação etnográfica, nesse sentido, vai além da descrição: ela se faz no encontro, no envolvimento, no aprendizado mútuo. É também, como defende Mónica (2017), uma metodologia que possibilita compreender as dinâmicas sociais, os gestos, as práticas e os sentidos que atravessam a vida cotidiana dos grupos pesquisados.

Foi nesse contexto que a fotografia se revelou como uma ferramenta potente não apenas de registro, mas de construção do olhar antropológico. Mais do que representar, as imagens dialogam com a experiência vivida, compondo um exercício de escuta visual e de tradução sensível do território. Ao pensarmos a fotografia na antropologia, é necessário reconhecer seu papel histórico na constituição da tradição etnográfica. Como analisa Etienne Samain (1995), o “ver” e o “dizer” caminham juntos na escrita antropológica, e a imagem pode se tornar uma linguagem própria de expressão e análise. Assim, as fotografias aqui apresentadas não são meros complementos textuais, mas parte constitutiva da narrativa proposta: elas carregam sentidos, memórias, afetos e presenças.

Este ensaio busca, portanto, articular texto e imagem como formas complementares de narrar o cotidiano quilombola, ressaltando o protagonismo da comunidade, a beleza de seus

modos de vida e a força de suas práticas. O encontro etnográfico, aqui, é entendido como um processo de escuta e coautoria, em que o pesquisador se deixa afetar pelas histórias e experiências que encontra. Ao invés de uma simples representação, o que se propõe é uma reflexão visual e escrita sobre os modos de ser e resistir da Serra do Evaristo — uma paisagem viva de saberes, luta e cuidado.

Fotografia 1. Estrada de terra em meio às plantações de bananeiras



Fotografia 2. Mirante exuberante da Serra



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 3. Pintura representando uma trabalhadora em muro, autor desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 4. Desenho em barro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografias 5 e 6. Interior do museu local





139

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 7. Ponto cultural da comunidade



140

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 8. Fruta carambola



141

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 9. Trabalhador colhendo bananas

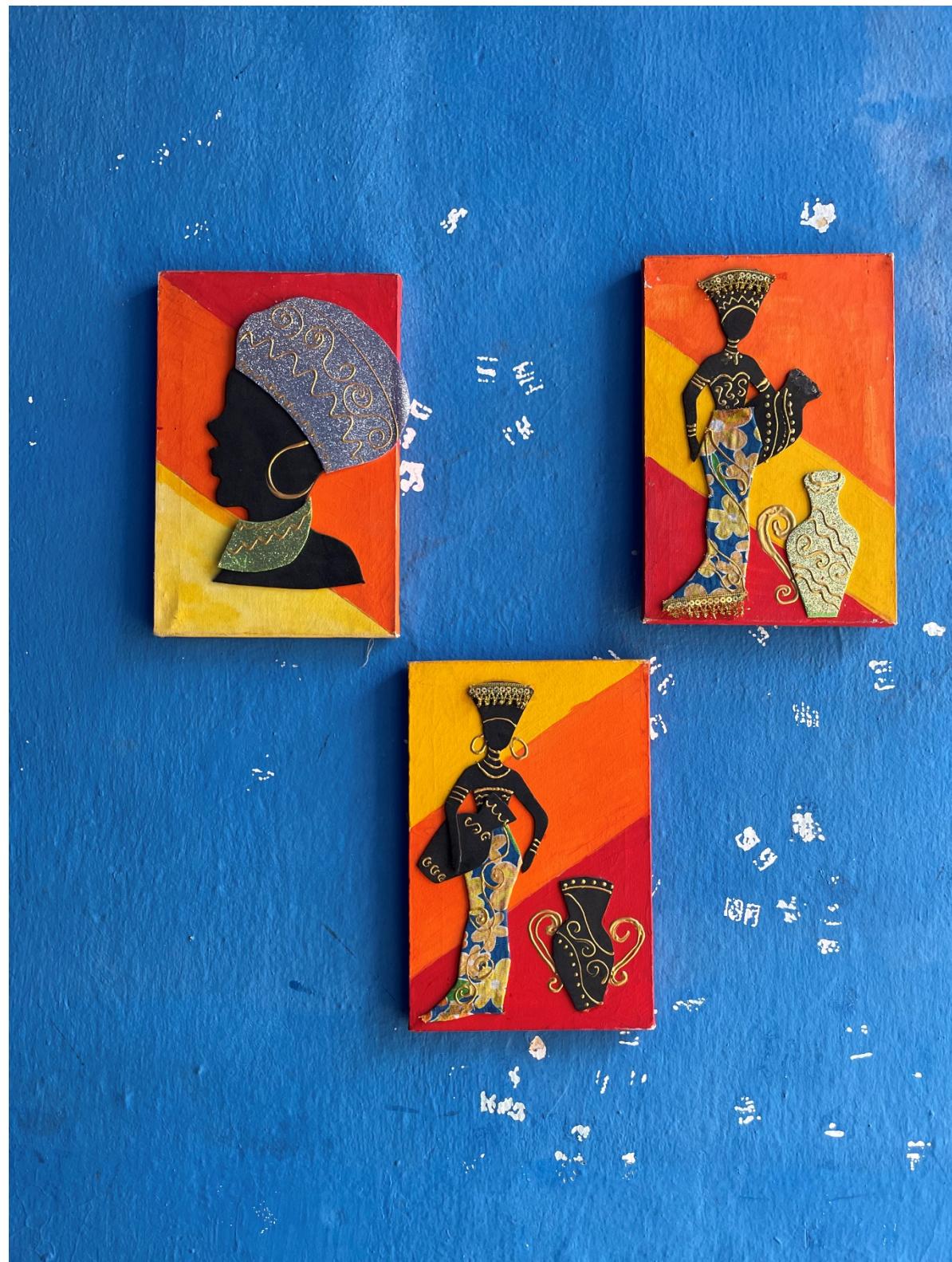


142

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Fotografia 10 e 11. Prédio da escola de educação quilombola Osório Julião





Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Referências

Braga, Elza Maria Franco (org.). *Olhares sobre a comunidade quilombola Serra do Evaristo: trajetórias, descobertas e construções identitárias*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021. 128 p.

De Lima, Francisco Welder Silva; Júnior, James Ferreira Moura. "Práticas de cura e vivências de jovens quilombolas: Uma análise sob a perspectiva da antropologia da saúde". *Cadernos NAUI*, v. 13, n. 25, p. 106-130, 2024.

Mónico, Lisete et al. "A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa". *CIAIQ* 2017, v. 3, 2017.

Nascimento, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

Samain, Etienne. "'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia". *Horizontes antropológicos*, v. 1, n. 2, p. 23-60, 1995.

Santos, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significados*. INCT/UNB, Brasília, 2015.